



Texto Livre: Linguagem e Tecnologia
E-ISSN: 1983-3652
revista@textolivre.org
Universidade Federal de Minas Gerais
Brasil

Marques Pereira, Daniervelin Renata
Barreiras entre alunos de Letras e o Software Livre: como superá-las?
Texto Livre: Linguagem e Tecnologia, vol. 1, núm. 1, enero-julio, 2008, pp. 19-24
Universidade Federal de Minas Gerais

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=577163637005>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Barreiras entre alunos de Letras e o Software Livre: como superá-las?

Daniervelin Renata Marques Pereira – FALE/UFMG

RESUMO: Novas posturas são necessárias para novos tempos e novas necessidades. No entanto, também novos desafios surgem e necessitam de sujeitos reflexivos para conseguir discuti-los. Esse texto pretende levantar algumas questões elaboradas por alunos de graduação em torno do ensino/aprendizado em disciplinas on-line. Jogos de imagens são criados e podem dificultar a comunicação entre professor/aluno por bloquear o acesso a novas práticas bem diferentes dos padrões de ensino tradicional. Mais do que dar respostas, pretendeu-se levantar questões para uma reflexão sobre concepções e técnicas criadas para atender às exigências da atualidade por meio da educação.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Tecnologia. Linguagem.

Introdução

O avanço da tecnologia sempre impôs ao homem uma necessidade de se conformar às exigências sociais de maneira quase obrigatória. Atualmente não é diferente, e as novas tecnologias da computação estão cada vez mais presentes em pequenos hábitos das pessoas, como o de fazer um saque no banco. Essa necessidade premente não está só nos sujeitos, mas na formação discursiva e ideológica dominante, que determina um discurso relevante a ser assumido pela sociedade.

A coerção social de uma era dominada pela tecnologia e pela necessidade colaborativa também exclui aqueles que não seguem seus ditames. É de uma faceta dessa questão que trataremos aqui, uma vez que o tema é muito complexo e demanda mais estudos. Nosso enfoque será a caracterização de um obstáculo observado entre alunos e seu contato com o Software Livre, e ainda com a informática em alguns casos.

Tais constatações foram feitas a partir da convivência com alunos de disciplinas on-line e da sua resistência comprovada, principalmente, pela desistência dessa modalidade de disciplina. Ainda alguns momentos de interação em chat, fórum e e-mail retratam a desconfiança dos alunos quanto ao caráter de “disciplina de Letras” desses cursos que envolvem, muitas vezes, discussões sobre o uso de ferramentas tecnológicas.

Os mundos

Podemos mesmo definir que, em muitos casos, há uma oposição entre “dois mundos” postos em contato durante disciplinas on-line: O Mundo da Informática e o Mundo da Letras.



Mundo da Informática

Mundo da Letras

Fig. 1: Visão antagonista e cada vez mais condenada pelas práticas atuais.

De um lado, temos os conflitos vividos entre software livre e software proprietário, desconhecidos pela maioria dos alunos; e de outro lado, temos o mundo das leituras e, em sua maioria, restrito em seu domínio lingüístico.

Fato interessante é que alguns dos alunos que resistem ao uso de ferramentas tecnológicas para o ensino são alunos que as utilizam regularmente fora da sala de aula. O problema parece estar na imagem que o aluno tem de uma disciplina de Letras e de um professor desse curso.

Para abordar a questão com mais cuidado, vamos lembrar alguns aspectos teóricos. Pela contribuição dos esquemas de comunicação, podemos citar os sub-códigos explicitados na proposta de Ignácio Assis Silva (*apud* BARROS, 2007). Segundo esse esquema, teríamos um código que é a língua e, mesmo entre pessoas que tenham um código comum, teríamos sub-códigos que são variações lingüísticas e ideológicas entre falantes de uma mesma língua. Pensando nos alunos da disciplina on-line, podemos pensar que eles têm um sub-código A e representam, em um sub-código B, a imagem do seu destinatário, que, na verdade, tem um sub-código B'. Com isso, queremos dizer que os sub-códigos representam a diferença entre as imagens criadas. Essa diferença é fundamental para a compreensão de alguns equívocos cometidos ou ruídos na interação entre interlocutários.

Como sabemos, expectativas são criadas de acordo com os sub-códigos estabelecidos pelos interlocutores em uma comunicação. Assim acontece quando os alunos se matriculam nas disciplinas de cada semestre. Acostumados a um modelo tradicional, esperam aulas e professores tradicionais.

Essa expectativa também pode ser explicada por uma mudança de paradigmas disciplinares, que predominaram por muito tempo, para paradigmas temáticos e interdisciplinares, sendo esses últimos uma tendência cada vez mais encorajada pelos teóricos da educação por sua dinamicidade no ensino/aprendizagem. A justificativa da facilidade didática de tal restrição disciplinar não combina com as necessidades de sujeitos que lêem textos diversos e lidam com conhecimentos muito complexos e mesclados em seu cotidiano. Algumas aulas buscam, então, atender a essas necessidades com uma perspectiva mais englobante, que nem sempre encontram sujeitos com abertura suficiente para aceitá-las num primeiro momento.

Isso explicaria em parte a desistência de muitos alunos nas primeiras aulas on-line e apresentação ao projeto Texto Livre.

Texto Livre

Com o propósito inicial de atender alunos de graduação em suas produções textuais acadêmicas e para auxiliar as comunidades virtuais de Software Livre em suas dificuldades na

adequação de seus textos à modalidade escrita, o projeto Texto Livre¹ foi idealizado para integrar esses dois lados anteriormente separados. O projeto foi inicialmente implementado em algumas turmas da disciplina Oficina de Texto da UFMG, que tem por ementa trabalhar com os alunos especificidades da escrita acadêmica através de uma produção textual.

Por uma herança da cultura escolar, as disciplinas de Oficina de Texto se resumem à produção orientada de textos para alunos, que são objeto de avaliação do professor, sendo, no entanto, restritos a uma circulação interna, guardados ou até descartados após a conclusão do curso. É um *modus operandi* empobrecedor, pois além de desestimular o aluno a ir além da qualidade exigida pelo curso, acaba descartando um material produzido dentro da comunidade acadêmica que poderia ser de grande valia para sociedade. É desperdiçada a possibilidade de uma extensão universitária, ação exigida por lei em uma universidade pública².

Nesse contexto, introduziu-se uma nova forma de produção textual em que as redações dos alunos seriam publicadas (socializando a produção acadêmica) e o escopo temático dessas redações envolveria o Software Livre, trazendo para dentro da academia essa modalidade ainda pouco reconhecida de software e seu *ethos* de produção de conhecimento. Além do curso de Letras, outros cursos como Biblioteconomia e Geografia possuem também a disciplina Redação Acadêmica e algumas das turmas já tiveram um semestre de aula por essa abordagem.

O diferencial do projeto está na liberdade dos alunos em assumir atividades de revisão e tradução, aplicando os conhecimentos quase sempre só abordados teoricamente nos cursos de Oficina de Texto. Em sua primeira fase, as atividades eram divididas em quatro grupos: revisão, tradução, produção de tutorial e avaliação de sites no quesito usabilidade. Na fase atual, as atividades foram centralizadas em revisão e tradução tanto pelas demandas, quanto pela maior opção dos alunos por tais tarefas. São elas atividades que exigem do aluno seus conhecimentos gramaticais, de composição textual e de estilo em sua variedade de tipos e gêneros sem esquecer o contexto real de produção em que acontecem.

O fluxograma pretendido para esse projeto, na complexidade idealizada para seus integrantes, é exposto na figura abaixo. Entretanto, toda essa rede de relações está ainda para ser concretizada com a aprendizagem colaborativa que resultar de sua proposta. Como podemos perceber, esse resultado virá da contribuição de cada participante, o que refletirá no todo.

¹ O Texto Livre é um projeto coordenado pela professora Ana Cristina Fricke Matte na Faculdade de Letras da UFMG desde 2006 (<http://www.textolivre.org>).

² Artigo 207 da Constituição Federal brasileira.

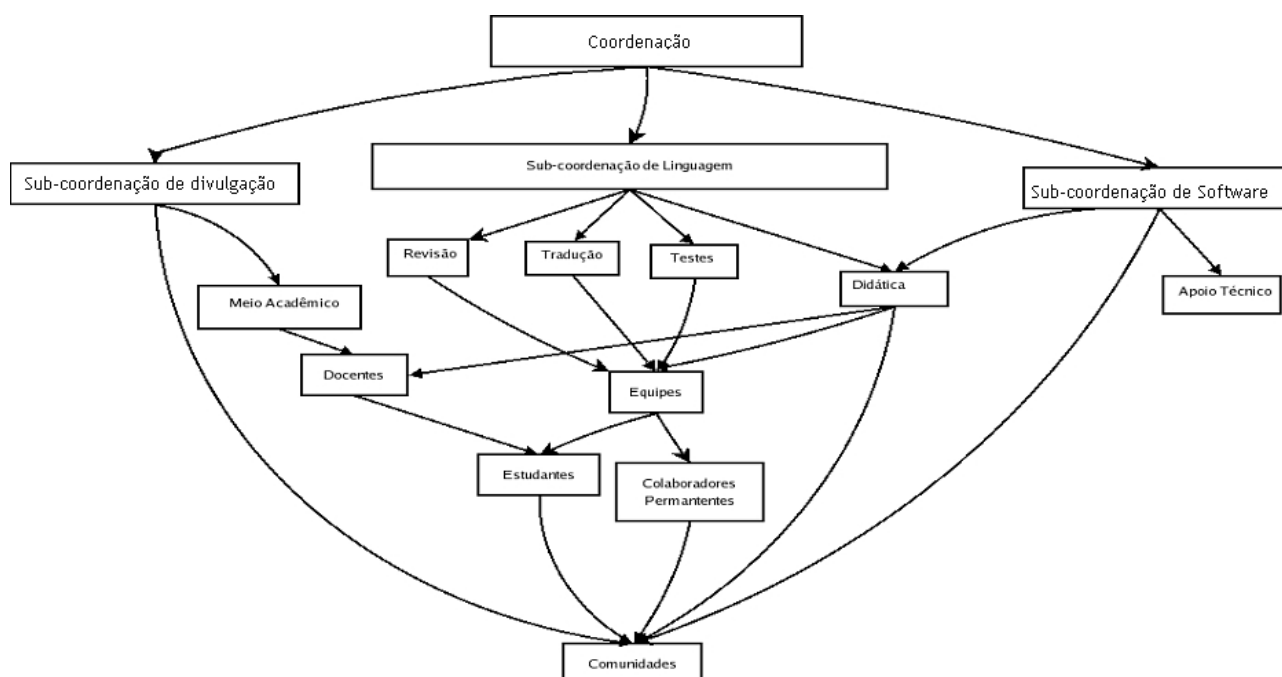


Fig. 2: fluxograma do projeto Texto Livre.

A união dos “mundos”

O contato entre comunidades de Software Livre e alunos de Letras foi uma consequência das atividades do Texto Livre. Ao traduzir e revisar os textos, era inevitável tomar conhecimento da luta dessas comunidades pelo reconhecimento de seu trabalho no compartilhamento dos seus produtos.

O objetivo do projeto era tirar o máximo de proveito dessa ligação, pois os dois lados poderiam sair beneficiados caso se envolvessem nas atividades de maneira colaborativa. Aliás, colaboração é palavra-chave para o Software Livre, pois, como são organizações abertas e não comerciais, elas precisam se ajudar para que o produto alcance o máximo de qualidade. Isso acontece em listas de e-mails, em que os “bugs”, problemas técnicos encontrados, são resolvidos pela ajuda coletiva. A idéia de cooperação e colaboração foi, então, usada de maneira a estimular atividades que propiciassem um aprendizado a mais pela vivência de práticas reais de produção na área de Letras.

Como manipular³ os destinatários para que eles fossem colaborativos, aprendendo com o outro e percebessem a importância da informática em suas vidas e, principalmente, no mercado de trabalho era o desafio do destinador, representado pelo professor. Unir mundos em geral tão apartados é uma proposta que nem sempre agrada aos profissionais do meio acadêmico que não conseguem entender o objetivo desse contato proposto pelo Texto Livre. No entanto, os resultados de produção dos alunos em um contexto real e a publicação dos alunos em revista virtual tem sido bem aceita, pelo menos fora da universidade, como indica os inúmeros acessos aos textos da revista Under-Linux⁴ que aborda temas em torno do Software Livre.

³ Manipulação é um termo da teoria semiótica que “pretende fazer com que o destinatário, ao exercer o fazer interpretativo que lhe caber, *creia ser verdadeiro* o objeto apresentado, o discurso do outro e o próprio destinador” (BARROS, 2002, 37).

⁴ <http://www.underlinux.com.br>.

Alguns argumentos

Os alunos apresentaram duas perguntas mais típicas que são marcas de uma desconfiança advinda justamente das questões postas acima: a imagem que têm de uma disciplina tradicional de Letras e de um professor desse curso. Tais questões foram elaboradas com base em um contato direto com alunos tanto dos segundos semestres de 2006 e de 2007, por meio de chats, fóruns, e-mail, quanto por conversas face a face.

1) “Qual é o objetivo em termos de contato com informações sobre Software Livre, Linux e outros aspectos da informática numa disciplina da Letras?”

Esse questionamento reflete uma visão disciplinar, mas ao mesmo tempo questionadora do funcionamento do sistema educacional. Temos de lembrar que, ainda que se valorize a interdisciplinaridade, ela não pode ser feita de forma incoerente e solta, de maneira que não leve em conta os interesses em jogo.

Alguns alunos que se aventuram a esperar o desenrolar da disciplina têm pelo menos a chance de tentar entender o sentido por trás dessa ligação entre as duas áreas. Assim como é importante conhecer o contexto do mercado editorial para profissionais de Letras que estejam envolvidos com editoração, também é preciso que nós, como usuários de programas de software e de outras tecnologias conheçamos as opções existentes para, no mínimo, manuseá-las em momentos em que seja a única alternativa (por exemplo em escolas que optam apenas por software livre por ser gratuito, ao contrário dos softwares proprietários).

É importante lembrar que o enfoque da disciplina é sempre na produção acadêmica e não no uso de software livre obrigatoriamente, mesmo porque muitos alunos fazem as atividades em seus próprios computadores, em que mantêm a opção de software que mais lhes convém. A oportunidade oferecida é de saber da existência de um outro programa e de sua filosofia para que, com base nisso, os alunos produzam esquemas de idéias, textos e outras atividades propostas tendo uma temática sugestiva para debates.

2) “E como fica a ementa da disciplina? Sairemos sabendo escrever textos acadêmicos?”

O objetivo das disciplinas com base no projeto Texto Livre é atender as exigências da ementa de Oficina de Texto, que é “desenvolvimento do raciocínio argumentativo bem como domínio teórico e prático das normas gramaticais, privilegiando os aspectos que constituem maior dificuldade e geram mais erros nos textos produzidos pelos alunos”⁵ de forma prática. Os alunos têm de mobilizar seus conhecimentos gramaticais, adquirir outros necessários para revisar textos, usar conhecimentos de outras línguas para quem opta por tradução e desenvolver argumentação na produção de resumos, resenhas e outros textos propostos.

Os alunos podem sair discordando das idéias do software livre ou da sua temática usada em disciplinas do curso de Letras, mas uma coisa é certa: eles terão tido a oportunidade de experimentar uma prática elaborada com o objetivo real de formar alunos mais aptos a produzir textos em sua vida acadêmica e profissional.

Considerações finais

Acreditamos que todo questionamento é válido - e aqui privilegiamos o do campo da educação - para o incentivo de práticas coerentes com a realidade dos sujeitos envolvidos no processo ensino/aprendizado. Uma forma de educar também é colocar o aluno em desafios que o

⁵ Ementa da disciplina Oficina de Língua Portuguesa: leitura e produção cujos códigos são: LET34 M3, N31, M31, N32. As disciplinas são oferecidas pelo curso de Letras da UFMG.

obriguem a refletir sobre as atuações em sua área, pois eles certamente encontrarão dificuldades fora da academia com as quais deverão lidar, muitas vezes, sozinhos.

Acreditamos ainda que é tarefa do educador proporcionar esses momentos de reflexão no aluno. A grande questão sempre envolve um “como” e um “porquê” e o importante, então, é que o professor tenha em mente o aluno que deseja formar na preparação de suas aulas.

Apresentamos aqui não só uma proposta, mas os questionamentos dessa proposta que nos levam a pensar na necessidade em justificar todos os métodos e as atividades desenvolvidos para uma aula. Esses questionamentos podem ainda estimular outras reflexões e mudanças na estrutura de outras propostas existentes.

O principal não é apenas usar novas tecnologias da computação para melhorar o ensino. Essa formação discursiva não pode fechar a mente de alunos e professores. Esse uso deve ser feito dentro de uma dinâmica que facilite o processo de ensino/aprendizado e a renovação de sua imagem pelos alunos.

Esperamos, pois, com este texto, ter provocado uma reflexão sobre novos papéis no contexto enfocado e ter sugerido algumas possibilidades de prática educativa.

Referências Bibliográficas

BARROS, D. L. P. de. *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. FFLCH/USP: Humanitas, 2002.

_____. Comunicação humana. In: FIORIN, J. L. (Org.). *Introdução à lingüística*. V. I. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2007, pp. 25-54.

REVISTA UNDERLINUX. *Underlinux.org*. Disponível em: <<http://under-linux.org/>>. Acesso em novembro de 2007.

TEXTO LIVRE. *Projeto de revisão e tradução de documentação em Software Livre*. Local: Faculdade de Letras – UFMG. Disponível em: <<http://www.textolivre.org>>. Acesso em: novembro de 2007.